A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE CELIE EM THE COLOR PURPLE

Monaliza Rios Silva*

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a obra The Color Purple da autora norte-americana Alice Walker, sob uma abordagem da construção identitária da personagem Celie. Temas como abuso sexual, gravidez e casamento prematuros, bem como a diáspora de um ente querido familiar são os pontos norteadores desta discussão. Neste ambiente de crítica sociocultural, tenta-se inscrever a obra supracitada na sociedade moderna como reflexo dos intercursos violentos experimentados pela mulher na condição de subalterna.

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura Afro-Americana - Subalternidade – Identidade – Conflitos de Gênero – Violência.*

ABSTRACT:

This treatise aims to analyze the novel The Color Purple by the North American writer Alice Walker, under the perspective of the construction of identity present in the character named Celie. Themes such as: sexual abuse, both premature pregnancy and marriage, as well as the diaspora of a beloved familiar member are the ones that will lead the discussion of this research. Considering a sociocultural critique, one intends to subscribe the above mentioned novel in the modern society as a result of the violent intercourses experienced by women as a subaltern.

KEYWORDS: *African-American Literature - Subalternity – Identity – Gender Conflicts – Violence.*

RÉSUMÉ:

Le but de cette recherche c´est d´analyser l´oeuvre The Color Purple de l´auteur nord-américaine Alice Walker, à partir d´une approche sur la formation identitaire du personnage Celie. Des sujets comme l´abus sexuel, la grossesse et le mariage prématurés, autant que la diaspora d´un être aimé sont les points centraux de cette discussion. Dans cette atmosphère de critique socioculturelle, nos essayons de démontrer que l´oeuvre supra citée s´inscrire dans la société moderne comme le reflet des violences auxquelles a été soumise la femme en la condition de subalternitée.

MOTS-CLÉS*: Literature Afro-Américaine – Subalternitée – Identitée – Conflits de Genre – Violence.*

* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especializanda em Literatura e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Estadual da Paraíba e Professora de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Cada vez mais se experimenta um momento de retrospectiva de práticas socioculturais como reflexo de um processo de conscientização das relações humanas na sociedade moderna. Em relação à temática de gênero, observa-se uma retomada às atitudes massacrantes e excludentes as quais norteavam as práticas sociais em relação à mulher negra como subalterna na sociedade patriarcalista nos países americanos. Tal retomada funciona como uma mola propulsora para diálogos de cidadania entre as nações modernas. Desta forma, espera-se restituir a esta classe específica a dignidade meritória e reconhecer a importância da participação desta mesma classe na formação das sociedades modernas do "Novo Mundo". Isto posto, esta pesquisa enfoca a realidade norte-americana no escopo dos estudos em literatura escrita por mulheres negras no século XX.

Pensando nesta perspectiva de discurso da cidadania cultural moderna, algumas temáticas serão abordadas nesta discussão como forma de denúncia de práticas abusivas contra a mulher negra no intuito de: 1- provocar uma reflexão ética sobre este tema; 2- convidar os leitores para uma mudança de atitude no âmbito da civilidade e do respeito às diferenças étnico-culturais e identitárias.

Devido ao grande universo temático que concerne às questões da mulher, faz-se aqui um recorte e foca-se a condição da mulher negra, numa abordagem dialógica entre personagens femininos ou não no romance *The Color Purple* da autora Alice Walker. Pretende-se estabelecer, como parâmetro de análise, a personagem *Celie* do mesmo romance como interlocutora entre o universo ficcional e o público leitor, bem como centralizar na mesma personagem diálogos com outros personagens na tentativa de construção de sua identidade através das experiências vividas como forma de representação do grupo étnico e do gênero a que esta pertence.

1 – A estrutura do romance The Color Purple

O romance *The Color Purple* é considerado pela crítica como a obra mais bem-sucedida da autora Alice Walker. Acrescente-se que a escritora recebeu o Prêmio *Pulitzer* e o *American Book Award* em 1983 por este romance.

Escrito em um estilo epistolar, o romance descreve a vida árdua de uma jovem mulher afro-americana no sul dos EUA no início do século XX. *The Color Purple* explora a identidade individual da mulher afro-americana e o modo como o entrelaçamento com outras mulheres, como forma de garantir a própria identidade, pode afetar o desenvolvimento da comunidade em sua totalidade.

Sabe-se que o romance epistolar apresenta uma característica de uma narrativa em que as ações são transmitidas no mesmo momento em que acontecem, através do narrador que as escreve. Desta forma, o narrador assume um papel importante no desenrolar da narração, uma vez que uma estória pode ser contada de várias formas.

Considerando-se o foco narrativo neste estilo de romance, o narrador ora apresenta-se como observador ora como personagem protagonista ou mesmo secundário. No que se refere ao romance aqui estudado, temos um narrador-personagem, pois quem escreve a carta assume uma postura autodiegética uma vez que narra o que vive, sente e pensa.

Segundo Claudia Valentim (2006, p. 38), a estrutura do romance epistolar apresenta um caráter simultâneo entre a narração dos fatos e dos acontecimentos dos mesmos. Acrescenta a mesma autora que

> a participação na vida de uma personagem enquanto ela se constitui, o vasculhar da consciência e seus desatinos refletem a representação de um presente – presente este tão imediato que nem sempre há uma maturação dos fatos.

Um outro conceito de que não se pode esquecer é o de narratário, definido como o destinatário intratextual do discurso narrativo. Ainda baseado em Valentim (2006, p. 40), temos que o destinatário de cada carta nos romances epistolares é o motivo de existência da narrativa. Carlos Reis (*apud* VALENTIM, 2006, p. 40), argumenta que "cada carta propõe-se, em princípio, informar e interpelar expressamente uma personagem da história que, sendo destinatário (...), pode ser considerada a expressa razão de ser do relato". Percebe-se nesta afirmação de Reis que o foco narrativo se confunde com o relato, em que personagens interagem na e pela linguagem, utilizando-se da modalidade escrita para "conversar" entre si.

Outro elemento narrativo que a autora Valentim aponta é a questão do tempo. Sobre isto, a estudiosa postula que "a privação da temporalidade tradicional abre espaço à análise do tempo no interior da obra e isto nos revela uma reflexão sobre a memória. A ruptura com a seqüência cronológica resulta na desvalorização da ação" (VALENTIM, 2006, p. 41). Constatou-se, na obra de Walker, que a personagem *Celie* só recebe as cartas de sua irmã, que julgava estar morta, muitos anos após esta as ter enviado. Daí decorre que as ações desta outra personagem, já apontada pela protagonista em suas cartas endereçadas a outro interlocutor, aconteciam concomitantemente com as de *Celie*, porém não são conhecidas pelo leitor até o momento em que *Nettie* toma o ato locucional.

Nota-se no romance em estudo que o primeiro destinatário da narradora-personagem ou mesmo da signatária da carta é o próprio Deus. *Celie*, a locucionária traz como endereçamento a figura divina como "*Dear God, I am fourteen years old. I am I have always been a good girl"* (WALKER, 1982, p. 1).[1]

Fato relevante a se observar é que o leitor percebe a presença de outra personagem, *Nettie*, nas cartas da protagonista sempre na forma de narração de fatos ocorridos na sua infância ou pelo discurso saudosista das suas memórias. Apenas a partir da página 122 do romance, *Celie* descobre as cartas de sua irmã mantidas em segredo pelo seu marido/senhor. Desta forma, através de suas próprias cartas, a personagem *Nettie* aparece na narrativa, descrevendo suas experiências e compartilhando-as com sua irmã. Começa aí um grande diálogo entre as duas personagens ativas do romance. Cabe, no entanto, salientar que há outros personagens constituintes e imprescindíveis da e na narrativa. Muitos destes apresentam participação efetiva na constituição da identidade de *Celie* no romance. Porém, a tese que se pretende sustentar por hora é a de que somente *Nettie* e *Celie* são as agentes ilocucionários do discurso que compõe o romance. Os outros personagens aparecem sob a voz das narradoras-personagem.

O fator linguagem deve ser observado em *The Color Purple* como um instrumento importante de representação de um grupo étnico. Aliás, entende-se que é uma característica indelével da escrita de africanos ou afrodescendentes a oralidade e a proximidade da modalidade escrita com a modalidade falada.

Desde a escolha do estilo de romance a ser abordado, até a linguagem de que se utiliza na narrativa, a autora nos deixa marcas textuais desta tendência da literatura escrita por negros. Note-se em: "*He ain't beat me much* (...)"; e em "(...) *Yall make love any better? She ast*" (WALKER, 1982, p. 115).[2] Aspectos como a negativa comum a todas as pessoas do discurso (*ain't*) e a escrita próxima aos aspectos da fonética (*Yall / ast)* registram bem um pouco da marca da oralidade na linguagem apresentada no romance. Porém, não se caracteriza como objeto de nossa análise as nuances linguísticas, muito menos as de ordem dos estudos da tradutologia.

Tentou-se neste capítulo fazer uma caracterização da estrutura do romance como instrumento de análise do efeito produzido através da técnica narracional de que se utilizou a autora ao escrever *The Color Purple*. Tal técnica poe em relevância artifícios como a oralidade, o relato e o diálogo constante entre personagens na e

[1] Caro Deus, Eu tenho quatorze anos. Eu sou Eu sempre tenho sido uma menina boa ; tradução nossa.

[2] Ele não me bate muito... Cê faz amor melhor? Ela perguntou; tradução nossa.

através da narrativa. Pretende-se, portanto, analisar como este diálogo (que vai do individual para o universal) se estabelece no âmbito da construção dos personagens do romance e como esta dialogia pode representar o grupo étnico e o gênero aqui tratados.

2- A constituição da identidade de *Celie* através do diálogo entre personagens

Para início de uma análise do romance epistolar *The Color Purple* sob uma abordagem da constituição de identidade de uma personagem como representação de um grupo étnico e de gênero, cumpre-se esclarecer que este estudo toma um caso individual que interage com o universal (outros personagens) e observa como as práticas do privado para o público concorrem para a construção de uma individualidade. Ainda em caráter explanatório, cabe reforçar que esta pesquisa não trata de uma análise sociológica, uma vez que tem como base um sujeito do âmbito ficcional. Antes, ocupa-se do texto literário e de como este aborda questões da praxis de uma determinada sociedade, de forma mimética, como universo representativo. Haja vista as considerações acima mencionadas, segue-se uma sinopse do enredo da obra, bem como uma discussão dos desdobramentos da narrativa na constituição da identidade da protagonista.

O romance começa com uma menina de quatorze anos, *Celie* escrevendo uma carta para Deus, pedindo por algum sinal. *Celie* é uma menina afro-americana pobre e assustada, pois o homem que *Celie* acredita ser seu pai a abusa sexualmente desde a tenra idade. A respeito deste abuso seu pai a adverte: "*You better not tell nobody but God. It'd kill your mammy*"[3](WALKER, 1982, p. 1).

Estes eventos são descobertos pelos leitores, através de cartas subsequentes que a figura do "*Pa*" (Papai) é aquela imagem paterna de duas crianças com *Celie*, mas estes são arrancados dela após o nascimento de cada um. Sua mãe morre após o nascimento do segundo filho de *Celie*, segue-se que a protagonista não sabe se seus filhos estão vivos ou não. Após a morte da mãe, esta personagem é responsável pelos afazeres da casa e pela criação de seus irmãos mais novos, incluindo sua irmã *Nettie*. Um outro homem, da idade do pai, aparece na narrativa e pede a mão de *Nettie* em casamento ao que o pai não consente. No lugar desta, o mesmo oferece a mão de *Celie* para matrimônio ao que o "Senhor" aceita. Após a saída da protagonista da casa do pai, *Nettie* se torna o objeto de desejo sexual de seu "*Pa*", fato que a faz fugir de casa e ir morar com *Celie* e seu "*Mr.*____" ("sinhô").

[3] É melhor você não contar a ninguém senão Deus. Isto mataria sua mamãe; tradução nossa.

Esta sua irmã é aceita na casa do "*Mr.*_____", pois este intenciona usá-la sexualmente ao que ela refuta e é expulsa de sua casa. Dá-se, assim, a separação das duas irmãs. Na despedida *Nettie* promete sempre escrever para a irmã, mas *Celie* nunca recebe suas cartas. Este evento é o elemento impulsionador para a escrita das cartas de *Celie*, endereçadas a Deus, sua única audiência.

Nestas missivas para si mesma, a protagonista relata todos os abusos e violências de que é vítima até a chegada da primeira figura feminina na casa que de fato vai exercer sobre *Celie* a imagem de uma mulher forte, transgressora e que se opõe à dominância do macho, seu marido. Esta mulher é *Sofia*, esposa de *Harpo*, filho do "*Mr.* _____". Há uma passagem no romance em que *Sofia* invade o espaço da personalidade passiva de *Celie* quando diz a esta: "*Why don't ya' fight*?"; ao que *Celie* responde: "*It's too much work to fight*" (WALKER, 1982, p. 45).[4]

Mais tarde na narrativa, aparece uma segunda figura feminina *Shug Avery*, uma cantora negra e bem-sucedida que deixou seu lugar de nascença muito cedo, expulsa pelo seu pai, representante religioso da sua comunidade. O pai de *Shug* não aprovaria uma mulher que se quisesse ser independente e que não frequentasse a igreja. Esta mesma cantora e atriz, já tinha sido amante de *Albert*, o "*Mr.* ___", e de quem o patriarca nunca tinha se esquecido.

Interessa-nos destacar que a segunda figura repressora de *Celie* não tem nome até a volta de *Shug*, quem vai nomeá-lo e repreendê-lo. Em outras palavras, esta última personagem vai desmitificar a imagem do grande senhor ao humanizá-lo. Desta forma, a protagonista vai percebendo que não seria pecado desobedecê-lo, pois o "*Mr.*___" é apenas um homem.

Shug Avery vai ser a figura responsável por revelar a *Celie* a sua própria imagem, vai arrancá-la do anonimato ao mostrar-lhe que existe um mundo seu a ser descoberto. Começando com a sua sexualidade. *Celie*, em uma conversa com *Shug* lhe confidencia a maneira como seu "*Pa*" e depois seu "senhor" faziam sexo com ela: "*They do their business on me*" (WALKER, 1982, p. 75).[5] Diante de tal confissão, esta figura oposta à protagonista revela que o sexo não deve ser visto desta forma. Oferece-lhe, então um espelho para que *Celie* observasse suas partes íntimas e a ensina a se masturbar. Aspectos como vergonha, pecado e medo tomam conta da signatária, porém obedece às assertivas de *Shug* e dá-se a primeira descoberta: a do seu corpo.

[4] Por que cê não luta? Dá muito trabalho lutar; tradução nossa.

[5] Eles fazem suas necessidades em mim; tradução nossa.

Como conseqüência deste ato de masturbação, a protagonista experimenta uma mudança sutil em suas atitudes como negar-se a cumprir com os afazeres domésticos e vestir-se melhor e enfeitar-se. É nesta desconhecida que *Celie* encontra o primeiro sentimento de amor erótico, de ciúmes e de rejeição, pois se apaixona por *Shug* ao fazer sexo com ela pela primeira vez,

Ao descobrir as cartas de sua irmã *Nettie* que *Albert* (*"Mr. ___"*) escondia, *Celie* rebela-se e foge com *Shug* para a Califórnia, estado em que as questões raciais e de gênero não se faziam tão fortes como nos estados do sul. Nestas cartas encontradas, *Celie* experimenta grande alegria e é tomada por sentimentos de esperança: sua irmã está viva. É por meio delas que *Nettie* agora toma voz na narrativa, pois é a segunda narradora que fala.

Nesta forma de diálogo com seu ente mais querido, *Celie* toma ciência de que *Nettie* vive na África, acompanhando um casal de missionários na fé cristã. Observe-se aqui que há uma volta às raízes étnico-culturais de ambas as missivistas através do relato das práticas socioculturais que *Nettie* descreve estando em África. Deste modo, a protagonista vivencia outra descoberta: a de seus ancestrais nas figuras de *Nettie* e de sua terra de origem. Tais descobertas configuram a busca pela própria identidade, pois se percebe com isso a inscrição deste indivíduo num ambiente universal, a começar pelo diálogo com seu passado.

Estando na Califórnia, *Celie* percebe que *Shug* não era mais seu arrimo e que ela deve caminhar sozinha na estrada de sua vida. É neste momento que *Celie* aprende uma profissão (costura calças e abre uma loja). Esta missivista desenvolve um sistema de fabrico inovador de calças e começa a obter a liberdade financeira como fruto de sua ousadia e postura empreendedora. É através desta independência que *Celie* compra a casa antiga de seu "*Pa*".

Mais adiante na narrativa, *Celie* sente a necessidade de aprender a escrever melhor para garantir as exigências de seu negócio e, principalmente, para se corresponder com sua irmã, pois esta era uma pessoa de "boa instrução". Note-se neste momento a terceira descoberta: a do intelecto e a da independência financeira.

É curioso notar que após sua auto-afirmação enquanto sujeito *Celie* descobre que seu primeiro usurpador (Pai) morre e deixa viúva uma adolescente que revela a *Celie* que ele não era seu pai legítimo. Ao saber deste fato, *Celie* compreende que o único poder que ele exercia sobre ela era imputado pela prática do estupro, pois a penetração simbolizava sua virilidade e imponência de macho e senhor. Diante de tal descoberta, *Celie* sente a hora de voltar a sua terra natal para resgatar o que de direito lhe pertence: a casa e seu livre-arbítrio.

A volta ao lar confere a *Celie* a livre expressão e a autonomia de cidadã, direitos que sempre lhe foram negados e roubados, desde sua infância e inocência até seu passado e sua identidade.

Após anos de convivência em seu habitat e de um processo de perdão ao seu segundo usurpador, a protagonista recebe a visita de sua irmã, vinda da África e casada com o viúvo missionário. Esta visita completa o ciclo de auto-descoberta e confirmação de sua autonomia como sujeito e com voz, pois restabelece seus laços familiares, sua terceira e última descoberta. É neste momento que *Celie* sabe que seus filhos vivem e que estão diante de seus olhos.

Curioso notar que a narrativa final do romance dá-se não através de cartas, mas de narrativa fluida e direta, pois não há mais necessidade de camuflar uma voz que fala. A história conta-se por si só.

3- O subalterno fala?: um diagrama comparativo de análise

Tomado de empréstimo um termo de Gayatri Spivak, este capítulo tem o intuito de apresentar um esboço de um discurso cultural, o de subalternidade, como ponto norteador de constituição da identidade de um dado grupo étnico e de uma classe.

O objetivo aqui é questionar o próprio questionamento "Pode o subalterno falar?" E se substituir-se o termo subalterno por outro substantivo (a classe trabalhadora, as pessoas oprimidas, as mulheres etc) ter-se-ia, assim, um paradoxo.

É sabido que o subalterno fala e escreve: os arquivos do mundo são preenchidos não apenas por tratados políticos de alguns partidos ou organizações, mas há textos literários, jornais, filmes, discos, panfletos, músicas e até muitos hinos que acompanham e organizam protestos espontaneamente por todo o mundo. Por todos os efeitos, há sempre a fala e a escrita em qualquer lugar que há exploração e opressão.

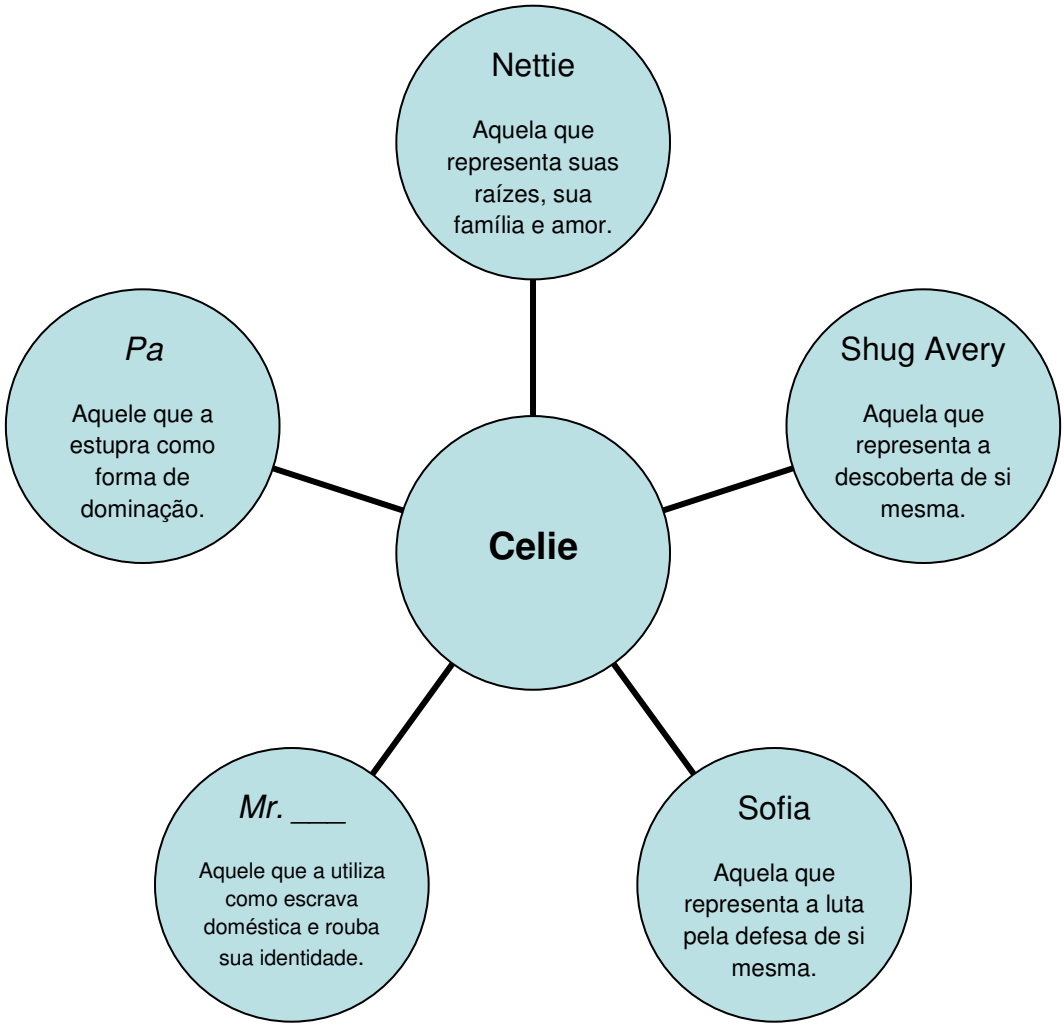
Mas cabe ressaltar que Spivak (2001, p. 122) não indaga se o subalterno "fala", mas se é permitido a ele falar. O questionamento desta autora é uma mostra de possibilidade que funciona tal qual o questionamento transcendental em que Kant indaga "O que posso saber?" Em outras palavras, o que se considera ser a fala do subalterno muitas vezes não é de fato a voz do subalterno. Tendo em vista esta assertiva, esta pesquisa insiste que a escolha do romance epistolar pela autora não foi em vão.

Fazendo uso do estilo de escrita empregado neste romance, a voz da personagem é desprovida de ecos de outras vozes que não s a sua própria. Através de

diálogos constantes com as vozes de outras personagens, vai-se assumindo uma individualidade com discurso legítimo.

No capítulo anterior foi descrita a forma como a identidade da protagonista foi sendo construída, num processo de polifonia. Com o intuito de melhor apreciação, segue um quadro comparativo entre os personagens que interagem e que dialogam com Celie, ora para silenciá-la ora para restituir-lhe a voz e vez como sujeito que fala:

Tabela 1: Diagrama comparativo



Através deste diagrama, percebe-se as relações de poder e diálogo que se estabelecem entre a protagonista e os demais personagens aqui destacados como forma de uma base de afirmação de identidade de um sujeito.

Conclui-se este estudo fazendo menção a Ovídio e sua obra *As Metamorfoses* em que apresenta o mito de Eco e Narciso e sua impossibilidade de envolvimento. A mulher Eco não pode ser amada pelo Narciso, pois este é sempre enamorado de si mesmo e viril. Amar constitui-se num ato de amar a incompletude, a mutilação que se ouve na voz entrecortada da mulher, esta que transita na fala alheia. Com a voz sempre abafada pelo "senhor", a mulher se perde, pois é estrangeira aos seus desejos.

Em consonância ao mito mencionado anteriormente, Ruth Brandão (BRANCO; BRANDÃO, 2004, p. 14) afirma que em textos escritos por mulheres, as fantasias e sonhos se fazem encenar na superfície em que ganham forma, a qual se reveste de novas e inéditas aparências nem sempre confortáveis; às vezes plenas de um inquietante sentido gerador de novas significações. E adverte: "É no leitor que onde se tecem as palavras – o texto ficcional – que elas revelam sua potencialidade criadora de caminhos, imprevistas soluções, inesperadas veredas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. Uma porta, duas entradas. In.: **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004, pp. 11-4.

SPIVAK, Gayatri C. Moving Devi. In.: **Cultural Critique** (47) Winter 2001. University of Minnesota, 2001, pp. 120-138.

VALENTIM, Claudia Atanazio. **O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 116 fls mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

WALKER, Alice. **The Color Purple**. Toronto: Pocket Books, 1982.